



Os quilombos editoriais como iniciativas independentes

Editorial Quilombos as Independent Initiatives

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

FAPEMIG

henriqueletras@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho pretende caracterizar e discutir as estratégias de atuação das casas ou quilombos editoriais responsáveis por veicular significativa parte da produção cultural afro-brasileira, especialmente a literatura. A análise dessas iniciativas aponta para a natureza peculiar de sua postura diante: a) do mercado; b) da autonomia necessária à sua produção; c) do aporte de capital de operação; d) do papel de agente cultural necessário em um espaço bem demarcado etnicamente; e) do profissionalismo na condução das atividades, dada a ausência de políticas públicas de apoio às edições afro-brasileiras. O referencial teórico deste trabalho é formado por trabalhos de Pierre Bourdieu, Henrique Cunha Jr., e Hernán López Winne e Victor Malumián,

Palavras-chave: quilombos editoriais; iniciativas independentes; edição.

Abstract: This paper aims to characterize and discuss the performance strategies of the editorial houses or “quilombos” responsible for the transmission of a significant part of Afro-Brazilian cultural production, especially literature. The analysis of the houses or editorial “quilombos” performance points to the peculiar nature of their attitude towards: a) the market; b) the autonomy necessary for its production; c) the contribution of working capital; d) the cultural agent role necessary in an ethnically well-demarcated space; e) professionalism in the conduct of activities, given the absence of public policies to support Afro-Brazilian issues. Our theoretical reference is formed by Pierre Bourdieu; Henrique Cunha Jr.; and Hernán López Winne and Victor Malumián.

Keywords: editorial *quilombos*; independent initiatives; edition.

O universo editorial como campo, nos termos de Pierre Bourdieu, é definido por uma “rede ou configuração de relações objetivas entre posições definidas objetivamente nas determinações impostas aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua *situação*”.¹ A situacionalidade, para o pensador, pauta-se pelo jogo de “legitimações, trocas e transferências de capitais de ordem simbólica”² capaz de ascender uns à centralidade e outros à periferia do próprio campo. Numa realidade cada vez mais codificada e endossada pelo discurso de natureza científica, podemos indagar se os conceitos compreendem bem a realidade de que falam. Forjados em grande medida por uma ciência que tem interesses e outras marcas, encobertos pela codificação, vale dizer, por regras impostas aos participantes e cuja percepção é de naturalidade do próprio campo, é de se indagar em que medida se faz necessária a problematização dos operadores teóricos, principalmente quando eles se referem a grupos e manifestações culturais considerados marginais.

No âmbito dos estudos sobre o nosso campo editorial, pensar as iniciativas de publicação de sujeitos afro-brasileiros por meio dos operadores existentes, espelhados nos registros semânticos presentes em dicionários, parece redutor. Isso porque, por exemplo, ao pensarmos as casas e/ou iniciativas editoriais negras, não basta levar em conta o “estabelecimento que publica obras impressas, gravadas, etc.”, acepção corrente em todos os dicionários da língua portuguesa. Há que se levar em conta que, para além do estabelecimento, isto é, para além do empreendimento comercial, existe um conjunto de ações que escapam à geração de lucro econômico. Há todo um constructo de atividades de intervenção e, principalmente, de resistência ao que Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*, chama de “arte burguesa”, ou seja, aquela direcionada ao grande mercado consumidor, que monopoliza, homogeneiza, autoriza e silencia discursos.

Parece apropriado referir-se às casas e/ou iniciativas editoriais negras como *quilombos*, entendendo esse termo em uma acepção ampliada. Henrique Cunha Jr. lembra que “o conceito de quilombo tem sido pensado no campo da identidade cultural, do território e da permanência histórica” ligados à “produção da identidade e da territorialidade”.³ E é nesse sentido, o da *produção* de identidade e de territorialidade, que me

¹ BOURDIEU. *A economia das trocas simbólicas*, p. 72.

² BOURDIEU. *A economia das trocas simbólicas*, p. 72-73.

³ CUNHA JR.. *Quilombo: patrimônio histórico e cultural*, p. 163.

valho do quilombo como metáfora para compreensão das propostas de atuação das casas editoriais negras, ciente de que a episteme corrente no campo dos estudos sobre edição não consegue explicar a contento o objeto ao tratá-lo por meio da homogeneidade do conceito de editora, tal como os dicionários (ainda que específicos) o fazem. A fim de ampliar a discussão, proponho um rápido panorama das principais casas ou quilombos editoriais e suas estratégias de atuação quando o assunto é a publicação impressa de produtos culturais afro-brasileiros, em especial a literatura. Assim, espero fomentar o debate, ainda que ligeiramente, sobre as especificidades que fazem destas editoras singulares em suas propostas, por meio do que chamo de *quilombos editoriais*.

Desta forma, por *quilombos editoriais* entendo um conjunto de iniciativas no campo editorial comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Essas iniciativas possuem caráter deliberadamente independente e seus autores são, preferencialmente, negros ou, em alguns casos, não negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura. Possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. Para além de casas de publicação, operam como territórios de ação e resistência ao bloqueio tácito no campo editorial brasileiro.

As casas ou quilombos editoriais fazem parte de amplas redes de sociabilidade entre negros. Neste trabalho, as redes de sociabilidade são entendidas como iniciativas de arregimentação de coletivos afrodescendentes para fins de convívio, atuação e resistência no âmbito da sociedade onde estão inseridos. São exemplos das redes de sociabilidade a Imprensa Negra (séculos XIX e XX); a Frente Negra Brasileira (FNB); o Teatro Experimental do Negro (TEN); a série literária *Cadernos Negros*; o grupo Quilombhoje; o Movimento Negro Unificado (MNU). É importante salientar que as redes de sociabilidade negra podem até atuar no campo editorial, publicando autores, textos e obras diversos, mas não se restringem a essa atividade, tal como fazem os quilombos editoriais.

Os quilombos editoriais atuam exclusivamente no campo da publicação (principalmente individual de autores negros) e da intervenção cultural. Dentre eles, destacamos a Tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, criadas por Francisco

de Paula Brito; a Editora Pallas; a Mazza Edições; a Nandyala Editora; a Editora Ogum's Toques Negros; a Editora Malê; e a Ciclo Contínuo Editorial. Todas essas casas ou quilombos editoriais, diversos entre si, apresentam um denominador comum: atuam de maneira independente em relação ao grande mercado da “arte burguesa” ou, se ainda quisermos, para além da “centralidade do campo literário”, em termos bourdieianos.⁴

Hernán López Winne e Victor Malumián caracterizam as iniciativas editoriais em três categorias: humanista; capitalista selvagem; e híbrida ou independente.⁵ A iniciativa editorial capitalista selvagem está preocupada unicamente com o ganho financeiro. O produto editorial é ferramenta para a arrecadação e, geralmente, está pautado por assuntos ligados ao senso comum, à cultura de massa, aos produtos consagrados ou ao campo religioso, em determinados casos. A iniciativa editorial humanista preocupa-se com os ganhos de ordem simbólica. Para ela, a obtenção de capital econômico não importa tanto, pois geralmente há fontes de onde se retira a subsistência (do editor e/ou da empresa). O lucro não é problema, tampouco é direção de suas ações. Interessa a esta iniciativa deixar sua marca por meio de bons produtos, que demonstrem rigoroso projeto gráfico e conteúdos relevantes à sociedade.

Por sua vez, há a iniciativa editorial híbrida ou independente. Esse tipo de iniciativa procura conjugar as duas práticas anteriores, embora seja difícil manter este equilíbrio de atuação. Há preocupação com o catálogo, porque precisa ser atraente e possuir preço competitivo. De modo geral, a iniciativa híbrida ou independente atua nas zonas intersticiais das anteriores, isto é, nas franjas do amplo mercado e das grandes redes editoriais. As iniciativas independentes priorizam produtos pouco atraentes para o mercado de amplo capital, embora de interesse imediato por parte significativa de determinada zona desse campo. Como não está sujeita à obrigatoriedade de geração de volumes financeiros, concentra suas ações na construção de um catálogo de qualidade, mas sem descuidar do olhar sobre a rentabilidade dos projetos editoriais do presente, pois eles sustentam justamente os projetos do futuro. Aqui, o capital de giro é baixo. Nas palavras de López Winne e Malumián,

⁴ BOURDIEU. *As regras da arte*, p. 137; 141.

⁵ LÓPEZ WINNE; MALUMIÁN. *Independientes, ¿de qué?: hablan los editores de América Latina*, p. 14.

[a editora independente] persegue a autossustentabilidade e não depende de qualquer aporte de capital que provenha de fora de sua atividade editorial. Está comprometido com a difusão, por todos os meios possíveis, de seus autores, e a decisão sobre o que se publica ou rechaça está completamente submetida ao desejo de seu editor, sem nenhum tipo de condicionamento. É crucial a pretensão, a tentativa de encontrar na editora um modo de vida, um sustento econômico.⁶

Defendemos que os quilombos editoriais, enquanto redes de sociabilidade negras, conforme citado anteriormente, são exemplos desta vertente editorial independente. Mas quais seriam as iniciativas editoriais independentes e negras e o que as caracterizaria? O elenco destes quilombos editoriais e a breve caracterização de suas atividades e catálogos parece possibilitar responder, ainda que parcialmente, a estas perguntas.

Marcos iniciais destas casas ou quilombos editoriais foram a Tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, dirigidas por Francisco de Paula Brito. A chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, ocasionou a instalação de diversos aparatos administrativos e de serviços, entre os quais, a imprensa. Num primeiro momento, o Império, por meio da Imprensa Régia, monopolizou a produção oficial de impressos. Adiante, movidas por interesses políticos, pulularam casas de imprensa no país. Nesse contexto, o jovem mulato Paula Brito (1809-1861), já nos anos 1820, após aprender o ofício de tipógrafo na Imprensa Nacional, passa a trabalhar na empresa de René Ogier e, em seguida, no *Jornal do Comércio*, onde foi redator e tradutor.

Em 1832, Paula Brito começou sua primeira empresa gráfica, a Tipografia Fluminense de Brito e Cia., localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, então centro cultural do país. Esta casa editorial foi responsável pela publicação de *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada* (1832-1846), primeiro jornal brasileiro dedicado ao público

⁶ “Persigue la autosustentabilidad y no depende de cualquier aporte de capital que provenga de fuera de su actividad editorial. Está comprometido con la difusión, por todos los medios posibles, de sus autores, y la decisión sobre lo que se publica o rechaza está completamente bajo el mando de su editor, sin ningún tipo de condicionamiento. Es crucial la pretensión, la búsqueda, de encontrar en la editorial un modo de vida, un sustento económico” (LÓPEZ WINNE; MALUMIÁN, *Independientes, ¿de qué?:* hablan los editores de América Latina, p. 14, tradução nossa).

feminino. O compromisso com a defesa de seus irmãos de cor ganhou materialidade editorial a partir de 1833, quando veio a público o jornal *O Homem de Cor*, o qual mais tarde passou a se chamar *O Mulato ou O Homem de Cor*. A publicação propunha o fim da escravidão, a inserção do negro no mercado de trabalho como assalariado, a industrialização do país e a ampliação do acesso a bens e serviços culturais a toda a população. Arrisco dizer que o jornal constitui, no campo editorial, a primeira rede de sociabilidade e resistência, em cujas páginas percebe-se uma ampla fratria entre negros brasileiros.

Como se pode perceber, as pautas de Paula Brito são incômodas a uma sociedade assentada em privilégios de raça e cor, para dizer o mínimo. Logo, os recursos financeiros para os projetos editoriais de Brito advieram sempre de suas próprias expensas ou da contribuição de seus autores, em alguns casos. Não é de se assustar, pois, com o caráter independente de suas publicações e com a dificuldade de custeá-las. O profissionalismo e a consciência de sua missão no campo cultural fizeram com que o talento de Paula Brito fundasse a primeira casa editorial propriamente brasileira (e uma das mais importantes de sua época): a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro. Segundo Cristina Antunes,⁷ para fazer o empreendimento prosperar, o agenciamento cultural do nosso editor, poeta, contista, jornalista, tradutor e intelectual, levou-o a constituir redes envolvendo importantes intelectuais, artistas, figuras iminentes e até o próprio D. Pedro II, fato que o colocou em destaque no campo editorial e possibilitou sua “militância quilombola” e editorial. O auge das atividades da Dous de Dezembro ocorreu entre os anos de 1830 a 1860. Estima-se que tenham sido publicados uma centena de jornais e revistas e aproximadamente 400 livros e folhetos.⁸

⁷ ANTUNES, O editor Francisco de Paula Brito.

⁸ Segundo a fortuna crítica disponível, dentre os autores brasileiros publicados por Paula Brito, destacam-se: “Joaquim Manoel de Macedo, Casimiro de Abreu, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Martins Penna, Machado de Assis, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Domingos Alves Branco Moniz Barreto, Augusto Emílio Zaluar. Foi o editor de uma das primeiras peças de teatro brasileiro, *Antônio José ou o poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães, em 1839; do que é considerado o primeiro romance brasileiro, *O filho do pescador*, de Teixeira e Souza, em 1843; e daquela que é tida como a primeira ópera brasileira, a comédia lírica *A noite de São João*, de José de Alencar, apresentada sob a regência de Carlos Gomes em 1860. Também é dele a primeira edição de *Últimos cantos*, de Gonçalves Dias, em 1851; a edição completa, em 2 volumes lançados em

Vale destacar que, em 1840, na livraria-editora de Paula Brito, foi criada uma sociedade literária onde se reuniam escritores e intelectuais da sociedade carioca: a Petalógica. A principal proposta da Petalógica era promover uma série de encontros voltados ao “estudo da mentira” no campo político e social, o que, nas palavras de Bruno Martins, configura “a estratégia paradoxal de incorporar positivamente artifícios não escritos à ficção performática”⁹ daquela organização. Trata-se de uma ação intelectual de intervenção na realidade a fim de transformar o estado de coisas em favor dos fracos e oprimidos, principalmente aqueles de pele escura.

Se são os editores, conforme assinala Aníbal Bragança, que decidem que textos vão ser transformados em livros, pensando no “público a que devem servir”, e se cabe a esses atores sociais o “lugar de decisão e de comando”,¹⁰ nota-se, pois, não apenas o pioneirismo da Dous de Dezembro e de Paula Brito, mas também a intervenção consciente desse editor-intelectual, cujas atitudes alteram as dinâmicas editoriais de seu tempo e contexto, mesmo contando com escassos recursos, o que reitera a necessidade de resistência diante das forças hegemônicas do campo editorial. O mesmo ocorrerá com outras casas ou quilombos editoriais, ainda que elas só venham a se tornar possíveis mais de um século adiante.

Após as iniciativas de Paula Brito, o “vazio” de casas ou quilombos editoriais prossegue até a década de 1970. Explica-se: a abolição da escravidão não significou a inserção do negro na sociedade. Há, ainda hoje, carência de serviços essenciais a significativa parcela dessa população, como acesso a educação de qualidade. Some-se a isso o papel repressivo

1851, das *Mauricianas*, do Padre José Maurício Nunes Garcia; e a sexta edição de *O Uruguai*, de Basílio da Gama, lançada em 1855” (ANTUNES. O editor Francisco de Paula Brito (1809-1861). Paula Brito foi ainda poeta, contista e tradutor. “Entre seus contos publicados em jornais, estão ‘O enjeitado’ e ‘A mãe-irmã’ (ambos no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1839). Já seus poemas, foram compilados por Moreira de Azevedo, na obra póstuma *Poesias de Francisco de Paula Brito*, publicada em 1863. Traduziu diversos autores, como Frederic Soilié, Cordelier Delanoue, Pitre Chevalier, Alexandre Dumas, Emile Silvestre, Julis A. David e Cretineau July.” (ANTUNES. O editor Francisco de Paula Brito (1809-1861)). A este respeito, vale conferir: MARTINS. *Corpo sem cabeça: o tipógrafo-editor e a Petalógica*; HALLEWELL. *O livro no Brasil: sua história*; GONDIM. *Vida e obra de Paula Brito*.

⁹ MARTINS. Os artifícios da voz: Francisco de Paula Brito e a Sociedade Petalógica, p. 141.

¹⁰ BRAGANÇA. *Sobre o editor: notas para sua história*, p. 224.

a movimentos e associações negros. O governo de Getúlio Vargas, por exemplo, fechou a Frente Negra Brasileira em 1938. Já a ditadura militar brasileira perseguiu exaustivamente lideranças do Movimento Negro Unificado (MNU) e de outros movimentos sociais. Duro golpe em tentativas de intervenção cultural (e editorial) na realidade brasileira.

Por sua vez, a década de 1970 foi extremamente agitada no que diz respeito à arregimentação de grupos e coletivos negros, o que ajudou a tornar possível o surgimento de casas ou quilombos editoriais mais perenes. Nasceram movimentos como o MNU, formado no âmbito do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), espaço onde os jovens negros, principalmente, reuniam-se a fim de promover discussões de ordem política, social e cultural. O movimento *soul* conquistava cada vez mais adeptos no entre a juventude negra, conforme lembra Carlindo Fausto Antônio.¹¹ Além disso, o ano de 1978 demarcava os 90 anos de assinatura da Lei Áurea. Tudo isso sem desconsiderar os antecedentes editoriais listados anteriormente.

No contexto mundial, Aline Costa¹² sublinha que a década de 1970 presenciou a independência de vários países africanos, como Angola e Moçambique. O ano de 1978 foi eleito pela ONU como “Ano Internacional Antiapartheid”. No contexto estadunidense, eclodiam discussões pelos direitos civis e ações afirmativas, ao mesmo tempo em que movimentos como “Black Panthers” e o “Black Arts Movement” ganhavam adesão da juventude.

No Brasil, datam dessa época as primeiras entradas de negros nas universidades, fato que permitiu maior contato desse grupo populacional com diversas linguagens artísticas, tais como literatura, cinema, teatro, artes plásticas entre outras. (Ressalte-se que as gerações anteriores aos anos de 1970 não puderam ter acesso a esses produtos e a formação universitária de maneira ampla.) Todos esses acontecimentos levaram à necessidade de produtos e produtores editoriais afeitos às discussões que circundavam a população afro-brasileira. Assim, casas ou quilombos editoriais entram em cena graças à abertura proporcionada por essa decisiva época.

Resultante do acúmulo de discussões desse momento, surge a Pallas Editora, voltada ao universo cultural afrodescendente, fundada no Rio de Janeiro no ano de 1975 por Antônio Carlos Fernandes. Hoje, a

¹¹ ANTÔNIO. *Cadernos Negros*: esboço de análise, p. 13.

¹² COSTA. Uma história que está apenas começando, p. 19.

Pallas é dirigida por Cristina Fernandes Warth. Fazendo jus ao *slogan* de abertura de seu *site* (“na vanguarda da cultura afro-brasileira”)¹³, ao longo de toda a trajetória da editora, nota-se a consciência da intervenção no campo cultural por meio do agenciamento de autores e textos num cenário precário de informações sobre a herança negra, como ocorre no Brasil. Daí que significativa parte do catálogo da casa editorial está voltada aos saberes africanos da diáspora e sua importância para a construção da nacionalidade brasileira. Conforme se lê no *site* da editora,

[...] nossa casa editorial busca recuperar e registrar tradições religiosas, linguísticas e filosóficas dos vários povos africanos continuamente trazidos para o Brasil durante o regime escravista. Acompanhamos, ainda, as manifestações afro-brasileiras contemporâneas, valorizando-as como formas fundamentais de expressão da brasilidade.¹⁴

O espectro do catálogo é vasto e diverso: religião, magia, tarô, *yoga*, saúde, cultura cigana, autoajuda, jogos, obras de referência, ciências sociais, antropologia, cinema, filosofia, não ficção, ficção e poesia. Entre seus autores estão nomes de destaque, como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Nei Lopes, Uelinton Farias, Paula Tavares (Angola), Ondjaki (Angola), Kangni Alem (Togo), para citar apenas alguns.

Fundada em 1981, a Mazza Edições tem o compromisso explícito de publicar obras referentes à cultura afro-brasileira. Sua fundação ocorreu no período em que se rediscutia a redemocratização do país, já nos anos finais da ditadura militar. Nesse sentido, não é exagero dizer que a casa editorial opera como possibilidade rara de veiculação de discursos silenciados durante os anos de chumbo, o que adianta uma de suas principais vocações no campo do livro: a mediação entre autores, obras e público.

Maria Mazarello Rodrigues é a fundadora da Mazza Edições. Mulher negra, militante e intelectual, sua trajetória é marcada pelo intenso envolvimento com questões de ordem social, política e cultural brasileiras. A formação de Mazza no campo editorial começa já na prática, tal como ocorre com grande parte dos editores (negros) brasileiros. Mazarello iniciou sua imersão no universo editorial na Editora do Professor e, posteriormente, passou pela Editora Vega, nos anos 1960

¹³ PALLAS EDITORA. A editora.

¹⁴ PALLAS EDITORA. A editora.

e 1970. Em seguida, cursou o mestrado em Editoração, em Paris. A formação especializada, ao meu ver, diferenciou e possibilitou a atuação profissional da editora no campo cultural e a auxiliou na confecção de produtos editoriais de qualidade, com recursos bastante restritos – o que não é novidade em se tratando de casas ou quilombos editoriais.

O catálogo da editora é pautado por três valores, com os quais seus autores comungam: ética, justiça e liberdade. Como quilombo editorial, sua atuação demonstra ciência de seu lugar “nas franjas” da arte burguesa ou do grande mercado, presidido, indiscutivelmente, pelo lucro. O capital financeiro é decisivo, mas sobretudo o capital simbólico – pressuposto pelos valores da editora e espelhado nas obras de seus autores – que, em grande medida, sustentam as linhas editoriais justamente pela autonomia decisória advinda da desvinculação de receitas do grande mercado. Se, por um lado, os recursos próprios ou dos autores limitam a ação da casa editorial, por outro, garantem a independência de suas ações e posicionam a empresa num lugar singular e de resistência no campo cultural.

Acreditando nisso, a Mazza Edições “propõe-se a atuar com sentido crítico para oferecer aos leitores e clientes obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído”, assumindo-se não só como editora, mas também como “uma casa de cultura viva”.¹⁵

O catálogo da Mazza Edições abrange antropologia, sociologia, história, educação, literatura brasileira (prosa e poesia contemporâneas), literatura infantil e infantojuvenil. A editora conta, ainda, com um novo selo: o Peninha Edições, voltado exclusivamente ao universo das crianças. Autores como Cuti, Edimilson de Almeida Pereira, Rosa Margarida de Carvalho Rocha, Leda Maria Martins, Cidinha da Silva e Patrícia Santana estão presentes nessa casa ou quilombo editorial.¹⁶

A Ciclo Contínuo Editorial, fundada em 2009 por Marciano Ventura, é a única que se assume de modo explícito como editora independente. Dedicar-se à “publicação de obras literárias e pesquisas na área das Humanidades, com enfoque especial na produção cultural

¹⁵ MAZZA EDIÇÕES. Editora.

¹⁶ Conceição Evaristo foi publicada pela primeira vez pela Mazza Edições, mas atualmente não tem os direitos ligados a essa casa editorial.

afro-brasileira”.¹⁷ Os aportes de capital provêm das vendas de livros, das atividades realizadas pela editora ou dos próprios autores.

Entre as atividades realizadas pela Ciclo Contínuo destacam-se seminários, encontros com autores e cursos livres sobre literatura. Bom exemplo é o “Com textura negra”, evento no qual, desde 2015, são discutidos temas referentes ao campo literário afro-brasileiro.¹⁸

O catálogo da casa ou quilombo editorial reúne autores como Lino Guedes, Oswaldo de Camargo, Cuti, Fábio Mandingo, Abelardo Rodrigues, Gerson Salvador, Márcio Folha, Ana Paula dos Santos Risos, Ângela Teodoro Grillo, Sérgio Ballouk, entre outros, divididos pelos gêneros literatura afro-brasileira (prosa e poesia) e ensaios.

A Nandyala Editora, fundada em Belo Horizonte no início dos anos 2000 por Iris Amâncio e Rosa Margarida, publica autores africanos, caribenhos e brasileiros, num *mix* de assuntos que contemplam: biografias, testemunhos, memórias, estudos sobre África (histórias, filosofias e sociedades), relações étnico-raciais, diáspora negra, relações de gênero, artes, *performances*, religiosidades, literatura infantil, literatura juvenil, literatura afro-brasileira, literaturas africanas, crítica literária, educação, materiais pedagógicos, sustentabilidade e qualidade de vida. *Nandyala* significa “nascido em tempo de fome”. Segundo o *site* da editora, sua missão é “colaborar com o efetivo respeito às diferenças, para uma vivência social sustentável na diversidade como exigência imperiosa do século XXI”.¹⁹

Entre seus principais autores destacam-se: Conceição Evaristo, Mirian Alves, Lia Vieira, Maria Elisa Santana, Benjamin Abras, Cidinha da Silva, Anderson Feliciano, Sandra Barroso, Madu Costa, só para citarmos alguns nomes. Entre os escritores africanos, salientamos Vera Duarte, Paulina Chiziane e Manuel Rui. A seção de crítica cultural também é bastante robusta. Nela encontramos Aimé Césaire, Carlos Moore, Edimilson de Almeida Pereira, Erisvaldo Pereira dos Santos, Amauri Mendes, José Antonio Marçal, Rosa Margarida de Carvalho, Marcos Antônio Alexandre, Édimo de Almeida Pereira e Elzira Divina Perpetua, entre outros.

A editora não recebe apoio de instituições de qualquer ordem. As fontes financeiras advêm de seu próprio esforço comercial e de suas ações, como cursos de formação, palestras e consultorias. Para tal, conta com

¹⁷ CICLO CONTÍNUO EDITORIAL. [Texto de apresentação].

¹⁸ O *site* da Ciclo Contínuo traz o histórico de atividades culturais por ela promovidas.

¹⁹ NANDYALA LIVRO. Missão.

o Instituto Nandyala, fundado na Zona da Mata mineira (Muriaé, MG), em 2011, atualmente sediado em Belo Horizonte devido à ampliação do leque das suas atividades.

A Nandyala realiza, ainda, o projeto “Leitura em diferença”, por meio do qual promove a circulação de seu catálogo, com destaque para o texto literário. No âmbito dessa ação, encontram-se as “Ocupações afroliterárias”, momentos específicos de oferta ao público de obras de autoras e autores negros de elevada qualidade conceitual e estético-discursiva, mas que quase não circulam pelo grande mercado editorial. Ainda nesse sentido, a Nandyala realiza, desde 2012, a Fliafro (Festa Afroliterária do Brasil). Trata-se, pois, de uma casa ou quilombo editorial comprometido não só com a publicação, mas com a mediação cultural no seu mais amplo sentido.

A Editora Ogum’s Toques Negros, fundada por Marcus Guellwaar Adún e Mel Adún, iniciou suas atividades no ano de 2014. O *site* da editora traz o tom empenhado de sua atuação e, ao mesmo tempo, sua concepção enquanto editora independente, entendendo-se como aquela que refuta o amparo do grande capital e procura realizar intervenções na cena cultural por meio de suas publicações e posicionamentos. Assim, lemos no portal: “a Editora Ogum’s nasce para contribuir com a interdição ao epistemicídio; impedir que sejamos apagadxs do mapa das letras”.²⁰

Guellwaar Adún ainda afirma o caráter independente de seu empreendimento editorial, movido pela luta contra o preconceito de cor, ao reiterar que “a Ogum’s não é somente uma editora baiana, nordestina, negra e brasileira. Somos inegavelmente diaspóricos”.²¹ Ao reafirmar a diáspora, o editor assinala a vertente quilombola de sua atuação. A luta não é pequena. Garantir a produção e a circulação deste coletivo de escritores, tendo como aporte de capital os recursos dos editores e, ocasionalmente, dos autores, não é tarefa pouca. Ainda mais para uma casa ou quilombo editorial localizado fora do eixo Rio-São Paulo, onde o capital financeiro tende a se concentrar e, logo, percebe-se a concentração do mercado editorial, inclusive no universo das edições de afro-brasileiros, conforme apontaram Oliveira e Rodrigues.²²

²⁰ EDITORA OGUMS. Somos Ogums.

²¹ EDITORA OGUMS. Somos Ogums.

²² OLIVEIRA; RODRIGUES. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. Para se ter dimensão da concentração editorial, Oliveira

No que diz respeito ao catálogo, a Ogum's Toques Negros tem editado: literatura negra/afro-brasileira, ensaios, literatura infantil e literatura juvenil. Autores como Mirian Alves, Lívia Natália, Edimilson de Almeida Pereira, José Carlos Limeira, Dú Oliveira, Mel Adún e Guellwaar Adún marcam presença na casa editorial.

A Malê é uma editora e uma produtora cultural fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge em agosto de 2015, no Rio de Janeiro. Foi planejada com objetivos bem específicos: “aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras e contribuir com a modificação das ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil”, conforme assinala Vagner Amaro em entrevista ao autor deste trabalho.²³

Nota-se a concepção de uma missão política bem delineada. A Malê não se preocupa somente com a edição de livros. A casa ou quilombo editorial aposta na formação de novos escritores, por meio de oficinas de escrita criativa. Organiza o Prêmio Malê de Literatura, realiza eventos literários e promove a circulação de seus autores, oferecendo-lhes assessoria de imprensa.

O catálogo da Malê prioriza textos de literatura (romances, contos, poesia e ensaios) escritos por autoras e autores negros brasileiros. Entre eles, salientamos Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Tom Farias, Meimei Bastos, Cristiane Sobral, Lívia Natália, Sônia Rosa, Fábio Kabral, Muniz Sodré, Martinho da Vila, Rosane Borges e Cuti. Há ainda um selo infantil, voltado para temas como culturas e histórias africanas, cultura e história afro-brasileira e indígena, além de textos que tratam de identidade e alteridade: o Malê Mirim.

Segundo Vagner Amaro, a editora não recebe nenhum tipo de apoio, para nenhuma edição e nenhuma atividade. Todo o investimento tem sido feito pelos sócios. Os editores acreditam, por fim, na bibliodiversidade como forma de democratização do universo da leitura e mais amplo acesso ao campo dos bens simbólicos.

e Rodrigues consideraram os contos e romances afro-brasileiros, publicados de 1859 a 2015. Das 88 publicações de contos, 28 aconteceram na cidade do Rio de Janeiro, 24 na cidade de São Paulo e 13 em Belo Horizonte. Dos 61 romances publicados, 34 foram na cidade do Rio de Janeiro e 14 em São Paulo.

²³ AMARO. Editora Malê – Entrevista com Vagner Amaro.

Após esta breve caracterização, é possível perceber que todas essas casas ou quilombos editoriais ultrapassam os limites de meros empreendimentos voltados ao comércio de impressos. Os quilombos editoriais promovem ações políticas e estéticas ao possibilitarem que discursos antes silenciados possam circular na sociedade brasileira. Ao se colocarem dessa forma, assumem que o campo editorial, como todos os campos, é objeto de disputa e, no caso abordado neste trabalho, iniciativas de resistência. As estratégias empreendidas pelas casas ou quilombos editoriais dizem respeito a cinco aspectos. Em primeiro lugar, a atuação no mercado, que pressupõe a localização em um nicho específico, nas franjas no grande mercado, que não se interessa, ou não consegue atender a toda a vastidão de consumidores, ou não se interessa por determinados assuntos e debates. Em segundo lugar, a autonomia de atuação, isto é, independência do capital oriundo de grandes grupos empresariais, pois só assim têm liberdade para escolher o que publicar, uma vez que assumem praticamente sozinhos os riscos e méritos (quando muito dividem os riscos com os autores). Por isso, em terceiro lugar, o fato de que o aporte de capital angariado quase que obrigatoriamente é todo reinvestido em publicações e ações de mediação cultural. Isso porque as casas ou quilombos editoriais, a fim conseguir fazer seus textos circularem e, ao mesmo tempo, com o intuito de ampliarem seus mercados leitores/consumidores, precisam promover incansavelmente o fomento do debate público para garantir as agendas de ordem editorial. O resultado é o profissionalismo de seus editores, quarto aspecto, que aliam teoria e prática e confirmam o compromisso com o coletivo afro-brasileiro no que podemos chamar de quinto aspecto: objetos editoriais de qualidade produzidos com baixo recurso financeiro.

Portanto, as casas ou quilombos editoriais são iniciativas independentes, caracterizadas por deliberada resistência editorial, focadas em determinado nicho de mercado. Movimentam-se por meio de publicações e atividades político-intelectuais. Seus editores podem ser compreendidos como “incendiários culturais”, ou seja, promotores do debate público, com o intuito de alterar o estado de coisas. Todos eles trabalham pela bibliodiversidade e retroalimentação de seu nicho de mercado, porque as demandas estão longe de serem esgotadas num país ainda tão avesso ao enfrentamento do preconceito de cor. Os quilombos editoriais, dadas as características apresentadas acima, fazem parte, pois, do conjunto de redes de sociabilidade negra no âmbito da história nacional.

Referências

AMARO, Vagner. Editora Malê – Entrevista com Vagner Amaro. *Literafro*, Belo Horizonte, 30 jan. 2018. Entrevista concedida a Luiz Henrique Silva de Oliveira. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

ANTÔNIO, Carlindo Fausto. *Cadernos Negros: esboço de análise*. 2005. 262 f. Tese (Doutorado em Literatura Geral e Comparada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ANTUNES, Cristina. O editor Francisco de Paula Brito (1809-1861). Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo, [20--?]. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/69>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005.

CICLO CONTÍNUO EDITORIAL. [Texto de apresentação]. *Issu: Ciclo Contínuo Editorial*. [2015?]. Disponível em: <<https://issuu.com/ciclocontinuoeditorial>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

COSTA, Aline. Uma história que está apenas começando. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Ed.). *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombohoje, SEPPIR, 2008.

CUNHA JR., Henrique Antunes. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 129, p. 158-167, fev. 2012.

EDITORIA OGUMS. Somos Ogums. Disponível em: <<http://www.editoraogums.com/somos-ogums>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 1985.

LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. *Independientes, ¿de qué?: hablan los editores de América Latina*. México: FCE, 2016.

MARTINS, Bruno Guimarães. *Corpo sem cabeça: o tipógrafo-editor e a Petalógica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

MARTINS, Bruno Guimarães. Os artificios da voz: Francisco de Paula Brito e a Sociedade Petalógica. *Revista Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, v. 4, p. 35-149, 2016.

MAZZA EDIÇÕES. Editora. Disponível em: <<http://www.mazzaedicoes.com.br/editora/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

NADYALA LIVROS. Missão. Disponível em: <<http://nandyalalivros.com.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 90-107, set.-dez. 2016.

PALLAS EDITORA. A editora. Disponível em: <http://www.pallaseditora.com.br/pagina/a_editora/2>. Acesso em: 08 maio 2018.

Recebido em: 29 de junho de 2018.

Aprovado em: 5 de dezembro de 2018.